



"HISTÓRIAS QUE NOS CONTAM AS LISTAS DE IMIGRANTES"

Maria Thereza Böbel *

O trabalho que desenvolvemos no Arquivo Histórico de Joinville, traduzindo as listas de imigrantes, tem dois objetivos: resgatar as informações sobre cada imigrante e atender às pessoas que nos procuram a fim de saber dados sobre seus antepassados. Em geral, tais pesquisas visam a elaboração de genealogias, ou conseguir a cidadania alemã, benefício que a República Federal da Alemanha estende aos descendentes de seus emigrantes até a 3ª geração. A procura neste sentido tem sido grande.

Constam de nosso acervo as listas de todos os navios de emigrantes que aportaram em São Francisco do Sul, pequena cidade portuária vizinha a Joinville, no período de 1851 a 1902. De cada navio há duas listas: aquela feita em Hamburgo pelo agente de emigração, e a da Colônia Dona Francisca, isto é, o registro de entrada do imigrante feito pelo Diretor da Colônia. Nosso trabalho consiste em comparar os dados contidos em ambas (já que nem todos constam das duas listas) e traduzi-los, fazendo uma ficha de cada imigrante. Estes dados serão complementados com registros de batizado, matrimônio e sepultamento das igrejas evangélica e católica, e em seguida armazenados no microcomputador. As listas são manuscritas em alemão, sendo o sobrenome em letra latina, e o prenome, religião, procedência, profissão e outras informações, em letra gótica. Traduzimos até agora 25 anos de imigração, isto é até 1876. Queremos destacar aqui alguns dados que nos chamaram a atenção:

Quanto às profissões: os imigrantes eram, via de regra, lavradores, mas havia as profissões urbanas como alfaiates, tecelões, oleiros, marceneiros, além de médicos, oficiais, advogados, professores. Às vezes, fugitivos políticos emigravam como agricultores, e só na colônia revelavam sua verdadeira profissão. É interessante notar que só a partir de 1865 ou 70 aparecem os primeiros técnicos-mecânicos, maquinistas, operários. Entre as curiosidades podemos destacar um serrador de tabuas, um padeiro de hostias (oblatenbäcker) e um pianista, que veio de Berlin, com família, em 1873. Registramos ainda um comerciante de 16 anos. As mulheres tinham seu estado civil registrado na coluna "Profissão"; muito raras eram as que realmente tinham uma, e nestes casos eram sempre parteiras, professoras ou criadas. Só no final do século apareceriam as primeiras operárias.

Ainda em relação às mulheres: mães solteiras não eram admitidas a bordo. Mesmo assim, já no primeiro navio, o "Colon", que chegou em março de 1851, havia uma mãe solteira que trazia as escondidas, sua filha ainda de colo, portanto, passageira clandestina. O pai da criança também estava a bordo, e segundo se conta, teria prometido ao capitão casar-se com a moça assim que chegassem à Colônia.

Boletim do AHJ

AHJ, JOINVILLE, ABRIL A DEZEMBRO DE 1988.

Provavelmente não cumpriu a promessa, pois no registro consta, ao lado do seu nome, a observação: "Mandado embora em março de 51, foi para Curitiba". Dizem que a moça foi atrás dele. O fato é que no registro de matrimônios da igreja evangélica consta o casamento dos dois em 1852, e já em 1853 o batizado de duas filhas do casal.

No que se refere às idades, os imigrantes tinham na maioria até 45 anos, idade limite para receber a passagem subvencionada. Mesmo assim, muitas famílias traziam seus avós. Em 1874 chegava a bordo do "Shakespeare" uma emigrante de 83 anos, solteira, em companhia da filha, genro e netos, suportando uma penosa viagem de quase 2 meses. No navio "Terpsichore", chegado em 1873, com 569 passageiros (diga-se de passagem, foi o que trouxe o maior número de imigrantes, em geral esses navios traziam de 100 a 250 pessoas) o que nos chamou a atenção foi a grande diferença de idades entre os casais: Em 31, entre 100 famílias, as mulheres eram mais velhas que seus maridos, variando esta diferença de 1 a 16 anos.

Uma viagem de navio (na época eram veleiros) levava, em média, 2 meses, de Hamburgo ao porto de São Francisco do Sul. Algumas crianças nasciam a bordo, mas muitas pessoas morriam... Os emigrantes viajavam sempre na entre coberta, em condições nem sempre boas: pouca comida, água estragada e super lotação contribuíam para o aparecimento de doenças como sarampo, colera-morbo, difteria e diarreias. Às vezes, os emigrantes já traziam o vírus. O exame médico, antes do embarque, muitas vezes, era mera formalidade, como acusam em carta-protesto publicada no Kolonie-Zeitung (tradução no boletim "Arquivo Historico de Joinville" v.4, n.3, junho de 1987), os passageiros do "Victoria". Este chegou em 1867, com 259 pessoas, das quais 51 morreram a bordo ocorrendo, em certos dias, até 4 mortes. Famílias inteiras eram dizimadas em poucos dias. Interessante é que estas pessoas, mortas a bordo e jogadas ao mar constam da numeração do registro de entrada de imigrantes.

Outro fato que nos chamou a atenção foi o grande número de homens solteiros procedentes dos países escandinavos. Eram sempre lavradores, com idades que variavam de 23 a 40 anos.

Voltando às profissões, não raro deram origem a pequenas indústrias de fundo de quintal e às micro-empresas da época. Os filhos e netos do imigrante, dando continuidade ao trabalho do pai ou avô, as transformaram em grandes empresas existentes até hoje em nosso parque fabril: é o caso da Cia. Wetzel Industrial, que fabricava sabão e velas, hoje dedicando-se a produção de velas artísticas, e cujo fundador foi Friedrich Wetzel, saboeiro, imigrado em 1856. Logo que se instalou na colônia, deu início a fabricação de velas e sabão, em casa, à noite; de dia, saía vendendo seu produto. O tecelão Carl Doehler, vindo de Glauchau, na Saxônia, em 1881 trouxe, já na bagagem, alguma quantidade de fio, pois pretendia instalar aqui uma oficina de tecelagem.



Ainda naquele ano, em 1881, fundou a Fábrica de Tecidos Doehler, funcionando com um único e rústico tear, construído por ele mesmo. A Doehler é hoje uma das muitas indústrias joinvilenses. O tipógrafo Boehm, que imigrou em 1858 para trabalhar na impressão do "Kolonie-Zeitung", em poucos anos era proprietário do jornal e durante mais de um século seus descendentes atuaram no ramo de gráfica, livraria e papelaria.

Finalizando, queremos acrescentar que este trabalho, tal como está, já foi objeto de pesquisas para teses de alguns doutorandos, do Brasil como do exterior, e está a disposição dos interessados. No nosso entender, oferece campo para a abordagem sob vários aspectos, seja profissões, idades, as condições da mulher imigrante, a procedência, etc...

(Comunicação proferida por ocasião do III Encontro de Arquivos Catarinenses e I Painel de Arquivos, realizado em Florianópolis, nos dias 14 e 15 de setembro de 1988.)

* Tradutora e Encarregada do Setor de Imigração do Arquivo Histórico de Joinville.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
58 CHEMISTRY BUILDING
CHICAGO, ILLINOIS 60637

RECEIVED
DEPARTMENT OF CHEMISTRY
UNIVERSITY OF CHICAGO
CHICAGO, ILLINOIS 60637

